



# miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

## FRESTAS E VEREDAS LITERÁRIAS NA OBRA *A GUERRA NO BOM FIM*, DO AUTOR MOACYR SCLiar: LETRAMENTO LITERÁRIO E A ATUAÇÃO DO PROFESSOR-LEITOR



## GAPS AND LITERARY PATHS IN *A GUERRA NO BOM FIM*, BY MOACYR SCLiar: LITERARY LITERACY AND THE ACTION OF THE TEACHER-READER

Aline Fatima CAMARGO  
Fabianna Simão BELLIZI

Universidade Federal de Goiás, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 25/05/2020 • APROVADO EM 08/09/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2396>

---

### Resumo

---

A Literatura, ao ir além da fruição, possibilita a transformação humana, haja vista que a carga temática de suas narrativas concentra-se nas tensas e conflituosas interações sociais. Frestas e veredas são abertas a fim de contar sobre seres humanos que estão por algum motivo querendo reivindicar a sua posição dentro do sistema corrente. Desse modo, embasando-nos no *corpus* de nosso projeto de Iniciação Científica, qual seja, *A Guerra no Bom Fim*, do autor Moacyr Scliar, pretendemos analisar como o letramento, sob a orientação da vertente fantástica, contribui de maneira significativa na sala de aula, que por sua vez também é reprodutora da estrutura social vigente. Com isso, objetivamos destacar o papel do professor-

leitor no processo desse letramento literário, a partir da hipótese de que o transitar da Literatura nas demais disciplinas escolares converte-se numa colossal fonte promotora da Educação voltada para a formação humana. Para tanto, a fundamentação teórica será embasada e apresentada nas contribuições teóricas de Antonio Candido (1995), Regina Zilberman (1994), Rildo Cosson (2005), Theodor W. Adorno (1995), Tzvetan Todorov (2010).

---

## Abstract

---

Literature, by going beyond fruition, enables human transformation, since the thematic load of its narratives concentrates on tense and conflicting social interactions. Gaps and paths are opened in order to tell about this other who is for some reason wanting to claim his position within the current system. In this way, based on the corpus of our Scientific Initiation project, that is, the *A Guerra no Bom Fim*, by the author Moacyr Scliar, it is intended to analyze how literacy under the guidance of the fantastic aspect would contribute in a significant way in the classroom, which in turn, is also a reproducer of the current social structure. Thus, we aim to highlight the role of the teacher-reader in the process of this literary literacy, from the hypothesis that the transition of Literature in other school subjects becomes a colossal source promoting education focused on human formation. To this end, the theoretical foundation will be based and presented in the theoretical contributions by Antonio Candido (2008), Regina Zilberman (1994), Rildo Cosson (2005), Theodor W. Adorno (1995), Tzvetan Todorov (2010).

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Letramento literário. Sala de aula. Professor-leitor.

**KEYWORDS:** Literature. Literary literacy. Classroom. Teacher-reader.

---

## Texto integral

---

### Pressupostos analíticos e teóricos

Em sua obra intitulada *Livro do Desassossego* (1982), Fernando Pessoa, por meio do heterônimo Bernardo Soares, admite que embora a literatura simule a vida, por outro lado, ela também seria a forma mais agradável de ignorá-la. O leitor, ao adentrar nas veredas da linguagem literária, tem a oportunidade de ir além do óbvio expelido pela dura realidade da vida cotidiana, ou seja, o texto literário força o leitor à reflexão das lacunas existenciais e sociais. Outrossim, por intermédio dos diversos gêneros literários, a realidade e a ficção se acoplam com o propósito de costurar as narrativas factuais a respeito da humanidade, uma vez que Arte, Sociedade e História partilham do mesmo elo: o homem.

Saliente-se que, tendo como cerne a palavra, a Literatura flexibiliza a comunicação do leitor com o passado, o presente e o futuro, já que ela está vinculada às interações sociais e não é indiferente à realidade em que se origina. Desse modo, os textos literários tornam-se valiosos difusores ao ressignificarem o

conhecimento, alargando os horizontes e ainda contribuindo para a humanização desse leitor que terá, por sua vez, aprimorado o seu repertório cultural e histórico para a subjetivação do sentido proporcionado pela leitura.

Ademais, as teias discursivas das narrativas literárias comportam inúmeras tradições, identidades culturais, políticas, estéticas e históricas que demarcam e expõem os ditames sociais de uma época, visto que, “[...] a literatura lida essencial e constantemente com a imagem do homem, com a forma e o estímulo da conduta humana” (STEINER, 1988, p. 22), conduta esta que é transpassada por conflitos, tensões, tolhimento da liberdade humana e social, dentre outras temáticas que permeiam as relações desse homem que “[...] nasceu livre, porém, por toda parte, encontra-se sob os grilhões.” (ROUSSEAU, 2013, p. 17) das conveniências e ditames firmados no pacto social.

Assim, a leitura de um determinado texto literário provocaria humanização e dinamização de nossos sentimentos, concepções, valores e posições, evitando-se, a segmentação com os demais, além de por outro lado, moldar uma conscientização sobre a “outridade” que não poderá ser vista doravante como “[...] perturbador ou como aquele que desacomoda o estado das coisas, mas como alguém que faz parte desta dinâmica, apontando para a construção de uma cultura híbrida.” (CARNEIRO; SILVA, 2013, p. 136).

Sob essa perspectiva, a literatura fantástica possui um terreno fértil e sólido para trabalhar os mais variados temas humanos, tais como, alteridade, Holocausto, medo, horror, violência, ódio, *bullying*, preconceitos, discursos hegemônicos, uma vez que “[...] inserido no universo do fantástico, o leitor perceberá que o local do estranho, do irreal e do insólito pode fornecer muitas pistas de que o mundo retratado não está tão distante de sua própria realidade [...]” (CARNEIRO; SILVA, 2013, p. 135), ensejando, portanto, o debate das explicações objetivas dadas pelo mundo real e o embate ante o caos que circunda o homem contemporâneo, já que a Literatura é também um “[...] ato de relação do eu com o outro e com o mundo.” (COELHO, 2012, p. 18).

Na obra do autor Moacyr Scliar, *A Guerra no Bom Fim* (2008), por exemplo, retrata-se o dilema sofrido pelo pequeno judeu Joel e sua família diante do horror e da carnificina provocada pelo antissemitismo nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Aqui, realidade e fantasia se imbricam para relatar os absurdos enfrentados pelos imigrantes judeus que residiam no Bairro Bom Fim, na Porto Alegre dos anos de 1940. Sob o olhar de uma criança judia que vive em um mundo “normal”, o leitor é avocado a realizar uma travessia literária rumo ao mundo onírico com o propósito de mergulhar sobre a história deste outro: o judeu construído como o “[...] protótipo e arquétipo de toda inconformidade, heterodoxia, anomalia e aberração.” (BAUMAN, 1998, p. 60), como se verifica neste trecho a seguir:

Um dia entra no Serafim um estranho. Um alemão louco e bêbado.  
Chega gritando:

— Hitler vai fazer churrasco dos judeus. É o fim desta raça triste.

Todo mundo fica parado, numa expectativa tensa. Ely continua a jogar calmamente. Só se ouve o ruído seco das bolas de marfim. O alemão aproxima-se do rapaz:

— Ora, vejam só quem está jogando no meio dos homens. Cai fora, fedelho! Volta para os cueiros, judeuzinho!

Ely não responde e continua jogando. O alemão agarra-o, sacode-o: “Eu não disse que era para cair fora?” — e cospe-lhe na cara.

O sefaradi tira do bolso um lenço alvo e limpa cuidadosamente o rosto moreno. Atira o lenço a um canto.

— Pede desculpas — murmura, encarando o alemão.

— Desculpas! Esta é boa! — o outro ri.

O levantino introduz a mão dentro de sua camisa de seda e extrai vagarosamente um punhal. [...] O alemão recua, de olhos arregalados; olha em volta, ri nervosamente — e bate em retirada para o mictório. (SCLIAR, 2008, p. 58-59)

Dentre as inúmeras passagens da obra em tela, em que o narrador expõe a sua rotina diária em solos brasileiros e sua tentativa de driblar o luto, o sofrimento e o medo físico e psicológico diante do caos instalado pela ira sádica de Hitler, a que mais persiste em todas elas, é o inegável peso de *ser* judeu, de ser aquele que carrega consigo vários estigmas cujas consequências nem as crianças estão imunes, como se descreve a seguir:

[...] E por fim o Sábado de Aleluia, dia em que até as pedras da Rua Fernandes Vieira estavam cheias de ódio contra os judeus. Os cinamomos baixavam seus ramos para feri-los, o feroz cão “Melâmpio” vinha do arrabalde para persegui-los latindo. Os *goim* caçavam os judeus por todo o Bom Fim. No dia seguinte estariam reconciliados e jogariam futebol no campo da Avenida Cauduro, mas no Sábado de Aleluia era preciso surrar pelo menos um judeu.

Uma vez foi Miguel, o Manco; outra vez, Rafael. Rafael foi perseguido pela turma do Bebê. Correu para casa, mas foi cercado antes de chegar lá. Agarraram-no.

- Este foi dos que mataram Cristo! – gritavam, excitados.

- Conta como foi – ordenou Bebê.

- Como foi o quê? – Rafael morria de medo.

- Como foi que vocês mataram Cristo.

- Mas eu não sei... – balbuciou Rafael. Bebê torcia-lhe o braço. Rafael gritou de dor. (SCLIAR, 2008, p. 65-66, grifos do autor)

O trecho acima desnuda a carga hereditária que o povo judeu deve suportar durante toda a sua existência em uma sociedade que ora o aceita, ora o exclui. Joel

reproduz na vida real o que está nos “guetos” do seu imaginário, que somente alcançará a verdadeira abolição quando a independência social do judeu equivaler “[...] à emancipação da sociedade em relação ao judaísmo.” (MARX, 2010, p. 60).

Na vertente do realismo mágico, inserida do modo fantástico, as peculiaridades do mundo concreto são escancaradas, as verdades até então ocultas são desmistificadas, ocasionando rupturas nos espaços consolidados e super determinados da vida cotidiana, a qual por sua vez está atrelada “[...] entre dois extremos, aquele onde o eu invade o mundo e aquele onde o mundo acaba absorvendo o eu, na forma de cadáver ou de cinzas [...]” (TODOROV, 2010, p. 360), e que destrói as brechas para uma descoberta sincera acerca deste *outro* que carrega sobre si as consequências da Modernidade.

Faz-se necessário ressaltar que o realismo mágico, especificamente na literatura latino-americana, teve seu decurso nas épocas dos regimes totalitários e ditatoriais. Ante a isso, muitos autores reproduziram suas obras baseando-se no contexto real que assolava o mundo e a América Latina naquele conturbado período da segunda metade do século XX. A obra de Scliar em análise mescla eventos do Holocausto que aconteciam na Alemanha nazista juntamente ao antissemitismo no Brasil durante a ditadura militar, cabendo destacar que, conforme afirma Carneiro (2002, p. 75, grifos da autora),

Logo após o término da guerra, milhares de nazistas iniciaram uma fuga desenfreada procurando abrigo junto às nações neutras. Muitos deles se refugiaram na Argentina e no Brasil, onde passaram a ser perseguidos pelos **caçadores de nazistas**, liderados por Simon Wiesenthal.

Para melhor elucidar os dizeres de Carneiro (2002), extrai-se o seguinte trecho da obra *A Guerra no Bom Fim* (2008), em que Joel faz uso do imaginário infantil para narrar como ele e os demais amigos conseguiram deter uma grande tropa de soldados nazistas que tentavam invadir o Capão da Canoa numa determinada noite do ano de 1940:

[...] Joel não lhe dera ouvidos. Agora se arrependia. Vestiu-se e foi rapidamente avisar os companheiros, batendo na porta dos quartos e sussurrando a senha. Aos poucos os amigos foram aparecendo, sonolentos e tremendo de frio. Nos chalés as famílias ressonavam, sem imaginar o perigo que corriam. [...] Ali estavam também os famosos boxadores judeus: Daniel Mendonza que, no século XVIII, defendeu a comunidade judaica da Inglaterra, contra a peçonha dos anti-semitas; [...]. O Homem-Montanha era temível na luta livre. Viera da Argentina, era alto como uma torre, pesava mais de cento e cinquenta quilos e tinha uma enorme barba preta. Deitado no chão, dez meninos podiam ficar de pé em cima do peito dele; não se abalava e ainda ria, sacudindo-os com seu riso de terremoto. Estava lá ao lado do Vingador, do Calunga e do Zorro.

[...] Os nazis caíam como moscas; apanhados na armadilha eram varados pelas balas, soqueados pelas soqueiras-punhais, esmagados a coronhaços, furados pelas baionetas, queimados pelos lança-chamas, destroçados pelas granadas, cortados pelos canivetes, iluminados pelos foguetes luminosos e rebentados a pontapés. (SCLIAR, 2008, p. 78-82).

O excerto acima traz à tona a realidade particular de Joel se confrontando com a de seu mundo externo, que por seu turno, não concede a ele a chance de lutar, viver e vencer. Por meio do universo onírico, Joel não só interpreta a vida emprestando sua voz a milhares de judeus que contestam a sua parcela de direitos fundamentais e uma digna posição no meio social, mas também, registra um infausto acontecimento que não caducará pelos séculos: a de um Holocausto que “[...] nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano.” (BAUMAN, 1998, p. 12).

Nesse sentido, a literatura fantástica, apresenta em seus enredos, a fragilidade dos paradigmas inventados pela estrutura social da realidade concreta. Além disso, há de se convir que as frestas abertas pelo imaginário do leitor tornam-no cômico da sua própria complexidade existencial e apto para a exploração de sua subjetividade, havendo, dessa forma, a humanização do seu agir frente ao outro, ou até mesmo de solidarizar-se com aquele que sofre as penúrias do desencaixe social ou da divisão da sociedade em classes, posto que o fantástico cria interfaces a fim de contar que, não obstante, o indivíduo desfrute das opções morais estabelecidas pelo mundo real, por outro lado, elas serão ineficazes para as tratativas de objetivar a sua subjetividade, pois

A literatura é um instrumento promissor, provavelmente mais do que a filosofia, quando temos em perspectiva um processo de [...] reconstrução de nós próprios a partir de nossa ocupação em reconstruir nossos léxicos, algo que repetidamente se faz necessário porque vivemos em situação de contingência, vale dizer, transitoriedade ou historicidade. (BUENO, 2011, p. 10)

Enfim, a Literatura nos atesta que a sociedade está em constante mudança em todos os setores e que a readaptação não é um ato simples, principalmente, para aqueles considerados marginalizados ou que se diferem do aceitável padrão social, político, cultural, religioso, econômico ou histórico. Ressaltando ainda que, por detrás desta manifestação da linguagem, é crível notar a denúncia acerca da estratificação social e sua hierarquização organizacional, bem como, as desigualdades econômicas, sociais, uma vez que “É o status [...] que define numa determinada estrutura social, a posição que cada indivíduo ocupa na hierarquia de papéis sociais estabelecidos.” (COSTA, 2005, p. 406).

À luz desse quadro é que o presente artigo almeja enfatizar a importância de estimular o letramento literário dentro das instituições escolares, bem como,

frisar a atuação do professor-leitor durante esse processo, uma vez que, tais textos literários, por exemplo, tornar-se-iam frestas para a criação de atividades educacionais e pedagógicas concernentes a esta sociedade que, apesar de hierárquica, pluriétnica e multicultural, comporta sujeitos dotados de personalidade e individualidades únicas. A conjuntura atual reclama por uma educação crítica, inclusiva e que rompa com aquela velha forma de educar respaldada na “[...] mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência.” (ADORNO, 1995, p. 27) que não permite ainda uma aproximação com o diferenciado, as “outridades”, as heterogeneidades que compõem a *lócus* escolar. Com isso, é vital que a eficácia do ensino da leitura, presuma também a formação do professor leitor, a fim de promover uma atuação e mediação mais significativa dentro do cotidiano das salas de aula, transformando-a em “um espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro.” (COELHO, 2000, p. 16),

Assim, sendo o sistema educacional também um reproduzidor da malha social vigente, a escola, por seu turno, sendo um microcosmo desta sociedade, também não está imune a esta hierarquização de posições, pois, concentra um alto número de diversidades culturais, sociais e religiosas, revelando que a cada instante a tarefa de educar torna-se um desafio extraordinário para o docente, tendo em vista que, os muros escolares não são capazes de deter o impacto causado pela globalização, que, maiormente não está preocupada em integralizar as diferenças, uma vez que elas não atingem a lógica mercantil. Desse modo, caberia à instituição escolar a exploração de outras práticas pedagógicas voltadas também para as questões humanas atrelando-as aos saberes gerais e universais ora vigentes, já que atualmente o cenário mundial urge por um ensino e aprendizagem focalizados em coibir a educação tecnicista e de conteúdos segmentados que geram um conhecimento fragmentado e destoado do contexto social e particular do discente. Por essa razão é preciso repensar a posição do professor e dos seus modos de ensino dentro da sala de aula, porque, conforme dispõe Zilberman (1994, p. 19):

As relações da escola com a vida são, portanto, de contrariedade: ela nega o social, para introduzir, em seu lugar o normativo (o dever-ser substituindo o fato real). Inverte o processo verdadeiro com que o indivíduo vivencia o mundo, de modo que não são discutidos, nem questionados os conflitos que persistem no plano coletivo.

Relativo a essa celeuma, a Literatura é de enorme valia ao professor, pois, ao despertar nos discentes o saber literário, concede não só a capacidade de que esses formulem críticas permanentes sobre a realidade que não é homogênea na sua constituição, como também, reconhecem que nenhuma disciplina é isolada, todas se interligam para um propósito que ultrapassa a conquista de um diploma ou ascensão no mercado de trabalho, isto é: a reflexão quanto à sua condição pessoal e humana.

Ora, é perceptível os sinais devastadores que a globalização também causa dentro das instituições escolares, pois há tempos a Educação mundial vem sendo

regulada para o regozijo laborial e não humanista, basta apenas observar a atenção exagerada que é dedicada a certas disciplinas que carregam maiores pesos nos vestibulares, isso, sem mencionar, as profissões que são mais requeridas e respeitadas pelo mundo, nas quais lamentavelmente a Literatura, seja por desídia, seja por ignorância, não tem a devida permissão para adentrar.

Logo, é imprescindível reaver os moldes educacionais, pois, qual seria o sentido de se ensinar? Qual seria o sentido da existência de uma instituição escolar ou de tornar o conhecimento sistematizado se não há espaço para a integração dos vários discursos que percorrem as vias do saber? É interessante repensar além do currículo didático e modelos de ensino e aprendizagem, bem como da contribuição de um professor-leitor para que tal mudança educacional alcance melhores resultados. O professor-leitor que possui uma profunda noção de que a “[...] literatura é um lócus de conhecimento” (COSSON, 2019, p. 26), almejará ensinar e/ou instigar o discente a explorar as ramificações dos textos literários de forma apropriada. Sublinhe-se que o vasto repertório desse professor-leitor permitirá maior destreza na comunicação para com seus alunos, contextualizando e dinamizando o ato da leitura e construindo sentidos, com o fito de mostrar que ela “[...] é uma atividade decisiva na vida dos alunos, na medida em que, (...) permite a eles um discernimento do mundo e um posicionamento perante a realidade.” (ZILBERMAN, 1994, p. 27).

Nesse contexto, o docente ao utilizar o letramento literário nas suas disciplinas estimulará seus discentes a reelaborar o conhecimento sistematizado provindo do ambiente escolar, que por seu lado, é também o espaço privilegiado para o acesso à leitura; rompendo aquele círculo arcaico que não assente a troca de sentidos com a sociedade na qual se insere e, por conseguinte, experimentar a pungência humanizadora que se esconde nas entrelinhas dos textos literários.

Todavia, para que isso efetivamente ocorra, o professor deve enxergar que a função literária perpassa aquelas delimitações encerrada nos ínfimos espaços dos livros didáticos da Língua Portuguesa, por compreender que as narrativas literárias dão margem a várias probabilidades interpretativas, podendo, desta feita, serem utilizadas em quaisquer disciplinas escolares, “[...] pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 1977, p. 90).

Ao trazermos à baila a obra literária *Guerra no Bom Fim* (2008), vemos que esta oportuniza ao professor a intertextualidade com outras disciplinas que não sejam estritamente ligadas à Literatura, posto que, suas narrativas abarcam tópicos relacionados às áreas do conhecimento como a Sociologia, Psicologia Infantil, História Geral e do Brasil, Direitos Humanos, Diásporas, Holocausto, Nazismo, Antissemitismo, Intolerância étnica, religiosa e cultural, dentre outros, que ratificam com exatidão a potencialidade da função transformadora consignadas nos textos literários no processo de tornar aquele que lê mais humano, ou nos dizeres de Candido (2008, p. 6), em que “[...] o processo de humanizar requer o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo”.



Porém, não é somente isso, pois se verifica ainda na obra, trechos em que o narrador levanta a questão quanto à importância da atuação do professor frente às diferenças culturais existentes no ambiente escolar, como numa determinada passagem, em que Joel conta a respeito de um triste episódio envolvendo seu amigo judeu Marcos. Segundo ele, o menino não estudava com os demais no Colégio Lídice, pelo fato de seus pais, acharem que a instituição escolar era descuidada em alguns aspectos, principalmente os de “[...] não ensinar o que era necessário para vencer na vida.” (SCLIAR, 2008, p. 17-18). Com isso, Marcos acabou tendo que estudar em uma escola “normal”, sem as tradições judaicas. Porém como dito alhures, por ser judeu, Marcos era frequentemente alvo de intolerância religiosa, étnica e cultural tanto por parte dos colegas de classe quanto do próprio professor. Desditoso com a situação, certo dia, Marcos, ao tomar ciência da reprovação nos exames do meio do ano, resolve “não retornar mais a casa” e de posse de uma

[...] pasta de Pó Azul, do qual dizia o rádio que

Mata barata

ali na barata.

Provou.

[...] uma espécie de secura apertou-lhe a garganta, desceu-lhe pelos braços e pernas que ficaram escuros e secos como patas de barata. E barata ele virou. Uma barata grande que voava sobre o Bom Fim e olhava, divertida, o velório na Rua Felipe Camarão. (SCLIAR, 2008, p. 19-20).

É salutar destacar que a passagem supracitada enfatiza como a Literatura torna-se, para o docente, um canal para uma propositura mais profunda acerca de debates relevantes, os quais, tendo em vista a escassez do tempo, deixam de ser abordados dentro da sala de aula dado o cumprimento dos horários estabelecidos para o desenrolar de atividades pedagógicas. Assim, textos literários como os da obra acima, volvem-se em artifícios hábeis para o professor animar os discentes a desenvolver a criticidade dentro da realidade da qual se insere, a alçar novos rumos que perpassam pela seara da alteridade, a modificar discursos hegemônicos partilhados ao longo dos anos, a trilhar novas perspectivas particulares que refletem-se em novas atitudes exteriores, dentre outros aspectos primordiais para a evolução humana.

Por fim, quando Adorno (1995) expressa sua inquietação no que diz respeito aos novos caminhos da Educação — tendo como núcleo de sua análise Auschwitz —, ele não exagera, e sim faz um alerta, já que a escola, a família e outras instituições são veículos formadores de opiniões em massa. Ademais, deve-se extirpar este pensamento obsoleto no qual o escopo central da Educação ainda é o de conduzir à apropriação dos conhecimentos técnicos, pois, enquanto isso persistir será impossível elaborar projetos e modelos pedagógicos/educacionais nos quais seja admissível delinear “[...] o passado e criticar o presente prejudicado,

evitando que este perdure e, assim, que aquele se repita” (ADORNO, 1995, p. 11), e impedir, conseqüentemente, que barbáries como aquela ocorrida nos campos de concentração nazista venham a se repetir novamente.

### Considerações finais

À guisa da conclusão, há de se ratificar que, mais do que fruição, as narrativas literárias camuflam brechas para a descoberta do *outro* marginalizado, esquecido, amedrontado, subjugado e tragado por não conseguir penetrar na corrida mercantil e social desta sociedade civilizada e racionalizada. Ler é evoluir-se, encontrar-se, expandir-se, desnudar-se, contemplar (-se). É destruir rótulos tidos como verdades absolutas e dogmáticas que afastam o *ser do humano*. Por isso, a Literatura é taxada de perigosamente ardilosa para alguns, e causa de libertação e gáudio para outros.

Isto posto, a instituição escolar que subestima a Literatura diminuindo-a ou mesmo extinguindo-a da sua grade curricular, tem a precisa noção do alto preço que paga, pois impede que a realidade social do discente seja atrelada às disciplinas normativas universais exigidas pelo currículo, e reproduz aquela igualdade aristotélica, aqui parafraseada por Barbosa (2003, p. 19), que já prevalece fora dos muros escolares, na qual

A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais, na medida em que se desigalam. Nesta desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade [...] Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante, e não igualdade real. (BARBOSA, 2003, p. 19).

Entende-se, desse modo, que para contornar tal situação seja imperioso a criação de práticas curriculares que envolvam a Literatura, nesse caso a fantástica, para a promoção de diálogos em torno da alteridade, que inclusive, sempre foi um tema olvidado no *locus* escolar. Acrescendo, assim, atividades que demonstrem as riquezas escondidas por detrás das linguagens, que são responsáveis em tecer a movimentação de identidades direcionadas ao *outro*, ou seja, ao reconhecimento de si pelo outro, seja social, seja cultural.

Diante de toda a pesquisa realizada, é plausível anuir que o professor-leitor investe em situações que favorecem a acessibilidade aos livros e originando em seus discentes o hábito da leitura, cooperando ainda na articulação de formas pedagógicas com o fito de amenizar as reiteradas desigualdades do mundo real, redesenhando os planos e comunicando com os níveis horizontalmente (GARCIA-CANCLINI, 2015), pois, não adiantaria uma escola ter uma biblioteca equipada de boas obras, se os professores da instituição não fornecem aos seus alunos os motivos para se chegar até lá.

Sendo assim, é substancial que este professor-leitor busque ajustar-se a outras formas de letramento — literário, por exemplo, — que ao se acoplar com os conteúdos já convencionais, alonguem aberturas para um diálogo profícuo e que viabilizem aos alunos elaborarem trabalhos que posicionem os valores humanos acima dos interesses que são tidos como funcionais à normalidade social. A ideia central de somar o letramento literário nas disciplinas escolares visa assinalar que, “[...] a escola tem que ser local, como ponto de partida, mas internacional e intercultural, como ponto de chegada.” (ROMANI, 2004, p. 15).

A escola aferrada com a ampliação dos letramentos literários incrementa o aprofundamento quanto às diversidades culturais existentes no país e no mundo, abatendo, desse modo, as controvérsias de praxe, já que mais do que expor contextos estilísticos, a Literatura expõe a sociedade, logo, não é arcaica.

---

## Referências

---

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- BARBOSA, Rui. *Oração aos Moços*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BUENO, Roberto. Hart e o positivismo jurídico: em torno à hermenêutica e a textura aberta da linguagem do Direito. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 47, n. 186, p. 275-290, abr./jun. 2010.
- CANDIDO, Antônio. *Direito à literatura*. Disponível em: <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>. Acesso em 28 abr. 2020.
- CARNEIRO, Fabianna Simão Bellizzi; SILVA, Alexander Meireles. O espaço da alteridade no conto A ilha dos gatos pingados, de José J. Veiga. In: ROCHA FILHO, Ulysses; SILVA, Alexander Meireles da (orgs.). *Travessias literárias: olhares sobre cultura e identidade*. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2013. p. 135-155.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Holocausto: Crime Contra a Humanidade*. São Paulo 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- COELHO, Nelly Novaes. A escola, espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro. In: COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2000. p. 16.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 2005.

GARCIA-CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Lisboa: Ática, 1982.

ROMANI, et al. (2004). Estação: Paulo Freire. In: Lucchesi, M. A. S. (Org.). *Conhecimento e pesquisa no mestrado em educação: pesquisa em pós-graduação*. Cidade: Editora, 2004. p. 15.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1994.

---

### Para citar este artigo

---

CAMARGO, Aline Fatima; BELLIZZI, Fabianna Simão. Frestas e veredas literárias: letramento literário e a atuação do professor-leitor. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 9, n. 3, p. 383-394, set.-dez. 2020.

---

### As autoras

---

**Aline Fatima Camargo** é graduanda do curso de Letras Português-Inglês e pesquisadora de Iniciação Científica – PROLICEN sob a orientação da Profa. Dra. Fabianna Simão Bellizzi Carneiro. E-mail para contato: [alinef.camargo@hotmail.com](mailto:alinef.camargo@hotmail.com)

**Fabianna Simão Bellizzi** é Professora Adjunta da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, onde também atua como Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Pesquisadora do Grupo Estudos do Gótico (CNPq).